



Imigrantes europeus na América do Sul

Eliane Mimesse

Centro Universitário Internacional, Rua 13 de maio, 538, 80510-030, São Francisco, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: emimesse@bol.com.br

RESUMO. Este texto pretende apresentar as fontes orais e documentais para a pesquisa a respeito de grupos imigrantes europeus estabelecidos em países da América do Sul. Visa-se o uso da História Oral. Serão apresentados exemplos de pesquisas efetuadas com diferentes grupos de imigrantes: saxões, silésios, genoveses e vênetsos que tiveram suas histórias revisadas pela utilização dessas referidas fontes. Os indícios dos acontecimentos revistos a partir das entrevistas de História Oral e a análise da ampla gama de documentação possibilitaram (re)escrever a História em novas perspectivas.

Palavras-chave: fontes históricas, imigração, história, identidade.

European immigrants in South America

ABSTRACT. Current analysis presents oral and documentary sources for research on European immigrant groups established in South American countries. The Oral History methodology has been employed. Samples of research work with different immigrant groups, such as Saxons, Silesians, Genovese and Venetians, will be provided. In fact, their histories were revised by the aforementioned sources. Revised events carried out by interviews based on Oral History and the analysis of the wide range of documents made possible the rewriting of History within new perspectives.

Keywords: historical sources, immigration, history, identity.

Introdução

Para o bom andamento de uma pesquisa é necessário que o pesquisador tenha como foco os modos como vai lidar com as fontes primárias. Dependendo do tipo de aproximação que faça dessas fontes, o desenvolvimento de sua pesquisa corre o risco de tomar os mais diversos rumos e nem sempre os que foram propostos no início do estudo.

O trabalho de pesquisa exige uma atenção ampla com o material a ser utilizado, no sentido de perceberem-se todas as nuances que o envolvem. Os acontecimentos históricos devem ser questionados, para que possam ser verificados segundo o entendimento do pesquisador que o inquire, quais são os caminhos e pontos que guarda. Deve-se sempre analisar sob todos os ângulos possíveis o objeto colocado como centro de uma investigação, para evitarem-se os enganos.

A prática de pesquisar comporta uma série de variantes e de determinantes em seu trajeto. Quando não existe o acesso a todos os documentos que possibilitem o desvendamento dos acontecimentos de modo detalhado, deve o pesquisador, direcionar-se a outros tipos de documentos e fontes que contribuam para a reconstituição de seus dados. A busca por indícios no entorno do contexto é parte implícita a uma pesquisa em História.

Mas, a verdade detectada em um determinado acontecimento, nunca será a realidade pura, como ocorreu, porque estamos sempre fazendo uma reinterpretação do que se passou. É necessária a elaboração de hipóteses, por essas contribuírem com os questionamentos a serem feitos aos documentos. O caminho a ser seguido na pesquisa é determinado em função das hipóteses levantadas pelo pesquisador. Essas hipóteses serão analisadas, comprovadas ou não e, suscitarão outras hipóteses, é um trabalho contínuo de descobertas.

Como nos alertou Certeau (2002, p. 19) não podemos nos esquecer “[...] que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente”. Assim sendo, as hipóteses serão implícitas e inevitáveis a qualquer modalidade de pesquisa.

Na análise da documentação efetuada pelo pesquisador, este deve ir além das aparências dos acontecimentos, e dos conteúdos que estes demonstram. Faz-se necessário investigar outras áreas e disciplinas que envolvam o objeto estudado, pesquisara sociedade como um todo no período analisado e nunca entender um acontecimento como isolado.

Os vários tipos de fontes utilizadas em uma pesquisa podem ser também denominados de

material, após o momento em que o pesquisador deixou de agrupá-las e vai a partir deste momento ordená-las. Esse termo 'material de pesquisa' foi definido como uma

[...] palavra brutal, operária, pois convém perfeitamente para designar a massa inerte, o enorme amontoado de palavras escritas mal extraídas das pedreiras onde os historiadores se abastecem, selecionando, recortando, ajustando, para construir em seguida o edifício cujo projeto conceberam provisoriamente (DUBY, 1994, p. 23).

De tal modo que existem muitos tipos de fontes para a pesquisa em História, dependendo de cada época algumas fontes eram mais privilegiadas que outras, em função dos rumos em que seguiam os debates historiográficos. Explicitando melhor essas denominações teremos os materiais utilizados até então envolvendo requerimentos, ofícios, atestados, relatórios, diários, cartas, entrevistas, legislação, fotografias, entre outros.

As fontes primárias documentais podem ser encontradas em arquivos, bibliotecas e em departamentos vinculados aos órgãos públicos que mantenham a prática do arquivamento de dados. Os arquivos são os responsáveis pela guarda e manutenção dos mais diversos documentos, por que

[...] compõem o mundo do jogo técnico, um mundo onde se reencontra a complexidade, porém, triada e miniaturizada e, portanto, formalizável. Espaço preciso em todos os sentidos do termo; [...] o equivalente profissionalizado e escriturário daquilo que representam os jogos na experiência comum de todos os povos, quer dizer, das práticas através das quais cada sociedade, explícita, miniaturiza, formaliza suas estratégias mais fundamentais, e representa-se assim, ela mesma, sem os riscos nem as responsabilidades de uma história a fazer (CERTEAU, 2002, p. 20).

São várias as formas de abordagens documentais utilizadas para ter-se acesso ao contexto histórico de determinado período estudado. Em uma pesquisa centrada em documentos manuscritos, de caráter oficial, deve-se questionar a linguagem utilizada pelos redatores, a posição de subordinação de quem os escreveu e a quem foram endereçados. É necessário observar quem produziu certa linguagem, para quem e como a produziu.

Quanto à questão colocada por Duby (1994), sobre a confiabilidade na redação dos documentos oficiais, em alguns momentos parece que nos deparamos com cópias uns dos outros, mudando-se apenas as datas e algumas outras informações estatísticas. Considerando-se que nem todas as informações ocorridas em um período estudado poderiam ser registráveis, e ainda seguiam normas

pré-estabelecidas. Deve-se sempre interrogar os documentos e seus conteúdos de modo a poderem-se obter outras hipóteses e dar-se continuidade à pesquisa.

Segundo Bacellar (2005), é necessária a compreensão do 'funcionamento da máquina administrativa' do período histórico a ser pesquisado.

O entendimento desse grande mecanismo administrativo é fundamental para se compreender que tipos de documentos teriam sido hipoteticamente produzidos e arquivados nos desvãos das estantes. Hipoteticamente, pois nem sempre se tem plenas garantias de que tais documentos foram de fato produzidos, ou seja, se os administradores cumpriram fielmente suas obrigações. O problema é, contudo, ainda mais complexo. A elaboração de um documento não necessariamente significa que seguiram as normas de conteúdo informacional originalmente previstas. Por fim, o que foi produzido e acumulado muitas vezes se perdeu com o tempo ou com a incúria (BACELLAR, 2005, p. 44).

As hipóteses elaboradas, após o conhecimento do contexto documental e dos conteúdos que eles trazem esclarecem paulatinamente os caminhos a serem trilhados pela pesquisa histórica. As opções subjetivas postas pelo pesquisador, que pretendia atingir a objetividade pelo diálogo com as fontes estabelecidas e o método utilizado, foram alcançadas. Essa interlocução permite a interação entre os acontecimentos e o historiador.

As fontes primárias documentais, normalmente, encontravam-se em bibliotecas da própria localidade e das cidades próximas, mas, a maior parte da documentação reside no acervo dos arquivos públicos estaduais. Ainda, segundo o mesmo autor referido acima, algumas são as dificuldades que o pesquisador encontra quando pretende utilizar-se da documentação dos arquivos públicos brasileiros.

[...] eles enfrentam, de forma geral, os sérios problemas comuns aos serviços públicos: falta de pessoal, de instalações adequadas e de recursos. [...] Aventurar-se pelos arquivos, portanto, é sempre um desafio de trabalhar em instalações precárias, com documentos mal acondicionados e preservados, e mal organizados. Portanto, o historiador tem sempre pela frente o desafio de permanecer por meses, quando não por anos, nesses ambientes pouco acolhedores em termos de conforto e de condições de trabalho, mas em um esforço que quase sempre levará a alcançar resultados muito gratificantes (BACELLAR, 2005, p. 49).

As fontes documentais são utilizadas na medida em que os depoimentos necessitam de outras fontes históricas para poderem estruturar, de modo coeso,

o desenrolar de uma narrativa inteligível. Na análise da documentação efetuada, o pesquisador deve ir além das aparências dos acontecimentos e dos conteúdos que estes demonstram. Faz-se necessário investigar outras áreas e disciplinas que envolvam o objeto estudado, pesquisar a sociedade como um todo no período analisado e nunca entender um acontecimento como isolado.

A complexidade da documentação e de sua pesquisa conduz-nos a analisar a questão das entrelinhas e dos detalhes mínimos indicados de modo sutil nos documentos. Sendo assim pretender-se abordar, na medida do possível, os resquícios deixados por seus redatores na documentação.

As fontes orais quando utilizadas pretendem retomar as mais diversas lembranças dos entrevistados. Conforme Thompson (1998), toda vez que a experiência de vida de uma pessoa ou um grupo pode ser usada como matéria-prima para a História, agrega à narrativa nova dimensão. Os pesquisadores que fazem uso das fontes orais podem escolher quem vão entrevistar e quais os itens a que darão maior ou menor ênfase, a fim de entender as recordações sobre determinados acontecimentos. De tal forma que, ainda para o autor, as fontes orais podem oferecer resultados similares a da autobiografia, mas com um alcance muito mais amplo.

A riqueza dos depoimentos colhidos, segundo a análise desta metodologia, é memorável. As entrevistas realizadas são fontes que apresentam relevância na pesquisa, a reprodução de um encontro proporciona a elaboração de uma narrativa, acerca de algum assunto de relevo à pesquisa.

As entrevistas devem basear-se em questionamentos referentes às lembranças do passado de um modo geral, mas também enfatizaram as relações com o cotidiano da comunidade e das famílias. O uso das fontes orais é de grande valia para o desvelar das nuances diárias dos antigos habitantes de determinadas comunidades. Conforme Meihy e Holanda (2007), a análise das fontes orais será enfatizada na 'história oral pura'. Essa modalidade será distinguida por reflexões acerca de raça, classe social, gênero, geração, memória, comunidade e identidade, de modo que o pesquisador utilize a entrevista para reproduzir em forma de narrativa o assunto pesquisado.

A História Oral pode demonstrar como a memória é "[...] essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade [...]", de acordo com Alberti (2005, p. 167). A autora ainda

ressalta a questão de que a memória é mutante, porque cada indivíduo relembra o acontecimento de uma perspectiva diferente, surgindo depoimentos e análises diversas sobre um mesmo acontecimento.

Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. [...] O fato de ser uma narrativa oral, que resulta de uma interação entre entrevistado e entrevistador – uma conversa, podemos dizer –, torna essa fonte específica em relação a outros documentos pessoais. O que o entrevistado fala também depende da circunstância da entrevista e do modo pelo qual ele percebe seu interlocutor (ALBERTI, 2005, p. 171).

Especificamente, foram relevantes as fontes orais para o estudo de uma das comunidades de imigrantes italianos estudados. De acordo com Meihy e Holanda (2007), as 'comunidades de destino', como essa referida acima, são compostas por pessoas que partilham de uma mesma identidade. Os depoimentos complementaram-se mutuamente, contribuindo com a possibilidade de reconstruir-se o cotidiano por eles vivenciado. Segundo Halbwachs (2006), que esmiuçou o conceito de memória individual e coletiva, pode-se apreender que a memória individual existe somente a partir de uma memória coletiva. As lembranças contidas nos depoimentos estudados foram constituídas no interior de um grupo. Porque a unidade coletiva e a coesão do grupo permitem a existência de um espaço de conflitos e influências mútuas. Deste modo, para esse autor, a memória individual refere-se a um olhar sobre a memória coletiva, construída e analisada a partir do lugar em que o sujeito ocupava no grupo.

Memória e Identidade miscigenadas no processo de escrita da História

Na escrita da História prima-se pela retomada dos acontecimentos, dos indícios que os compuseram, dos detalhes de seu contexto, sempre parte-se do uso de fontes para tal (re)elaboração. As questões que envolvem uma pesquisa normalmente buscam conceitos históricos similares e, dificilmente, se poderia encontrar um estudo nesta área que não aborde os conceitos de memória e de identidade.

Esses conceitos estão a cada dia mais amalgamados, por se referirem às lembranças de um povo e à forma de constituição desses. A fim de que a memória possa ser compreendida como uma

[...] propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos em primeiro lugar a um conjunto de

funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1994, p. 423)

A reminiscência é assim o local em que o passado torna-se presente, a cada momento em que existe algum tipo de recordação. É a possibilidade de analisar maneiras de se produzir novas pesquisas com os dados colhidos em entrevistas em que a recordação foi o centro das atenções.

Mas, a memória pode falhar e esquecer alguns detalhes dos acontecimentos, omitir outros, realçar o que mais atraiu a atenção em determinado momento, em prejuízo de outro evento simultâneo. Assim, existe a necessidade de se verificar várias lembranças, para compor-se uma pesquisa mais fidedigna. De acordo com Halbwachs (2006), as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas, em função do grupo em que os sujeitos viveram. Assim, a lembrança

[...] é uma imagem engajada em outras imagens. [...] é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2006, p. 75).

Nas pesquisas em que a memória está envolvida e será tratada como fonte primária, os modos pelos quais as entrevistas são realizadas tornam-se o centro das atenções. Muitas devem ser as pessoas entrevistadas, ou melhor, muitas recordações devem ser ouvidas e rememoradas, para poder-se (re)montar os indícios e os passos dos acontecimentos do passado com o maior detalhamento possível.

Em algumas situações políticas, a memória foi vigiada e modificada pelos governantes. Alguns dos rumos da História se alteraram em determinadas épocas em função dessas interferências. As lembranças controladas e seus instrumentos de preservação, e até mesmo de manutenção, corroboraram para os desvios que ela sofreu e, ainda sofre, dependendo do regime político que vigora.

Os meios de comunicação colaboram com a manutenção das recordações, preservam muitos depoimentos gravados. Fato esse que se torna um ganho para o pesquisador da História Oral, mas que também deve levar em conta as tendências políticas e ideológicas do momento histórico aos quais essas fontes foram colhidas. Sempre se deve questionar as fontes, inquirindo-as sobre seu papel na representação do acontecimento.

O trabalho da pesquisa histórica com a memória é o de esclarecer os detalhes, os acontecimentos, de modo a compará-los entre si, visando a retificação

dos equívocos e das lembranças alteradas em certos momentos políticos pela ideologia vigente. As recordações, segundo os procedimentos metodológicos da pesquisa histórica, contribuem a cada dia para a construção da identidade de um grupo social em que a retomada dos acontecimentos se concentra.

De modo que a identidade de um povo pode ser compreendida segundo as narrativas que compuseram suas memórias, serão essas que comporão a identidade. Mas, essa identidade, pode ser alterada ou manipulada dependendo do regime de governo que prevaleça em determinado local e período histórico. Carretero (2007) apresenta pesquisas que exaltam a problemática da identidade entre os povos da América Latina. O autor argumenta que como esses foram países colonizados, a sua identidade original nativa se perdeu com o passar dos tempos, os ritos autóctones diluíram-se nos ritos dos colonizadores incorporando-se paulatinamente ao cotidiano, contribuindo com a dissipação da identidade local original, e, por conseguinte dando margens à criação de outras identidades.

Ainda Carretero (2007) afirma que “[...] cada sociedade possui uma cultura dominante que é compartilhada, sustentada e interiorizada pela maioria de seus componentes [...]” (CARRETERO, 2007, p. 21, tradução nossa)¹. De modo a tornar-se, com o passar dos tempos, a identidade predominante já que a memória foi solapada por novas versões dos colonizadores e muitos dos detalhes ancestrais acabaram relegados ao esquecimento. Para que essa dominação e consequente alteração da identidade fundada na memória não se esvaíam, deve-se contradizer e reagir aos ‘relatos históricos impostos’, ao pesquisador é necessário “[...] reduzir a polifonia das vozes a um som monocórdio, para sair vitorioso da luta pelo domínio da realidade [...]” (CARRETERO, 2007, p. 21, tradução nossa)².

O autor aponta a escola como local de inculcação e difusão destas novas identidades forjadas, porque as versões escolares da História articulam experiências da memória emocional, carregadas de identificações como símbolos e imagens. Quando as crianças aprendem sobre sua identidade aceitam-na em consonância ao saber escolar, e dificilmente poderão no desenrolar do cotidiano, desfazerem-se paulatinamente dos hábitos e tradições impostas pela comunidade no qual estão inseridas. Assim, a identidade original se perde, porque a identidade

¹ [...] cada sociedad posee una cultura dominante que es compartida, sostenida e interiorizada por la mayoría de sus componentes.

² [...] a fin de reducir la polifonía de las voces a un sonar monocorde para salir airoso de la lucha por el dominio de la realidad.

criada pelo colonizador contém detalhes mais atrativos às novas gerações, e é sempre enfatizada nos saberes difundidos na escola.

Portanto, a identidade local ou nacional pode ser modificada por interesses maiores. Deve-se, lutar para que as tradições perpetuem, para que os hábitos cotidianos não sejam considerados banais, a ponto de serem esquecidos. A identidade de um povo se constrói com suas tradições, e com sua memória que, de acordo com Halbwachs (2006), tem como base o passado vivido, que possibilita a composição de uma narrativa sobre o passado, de maneira natural.

A relevância do uso das fontes de pesquisa ao cotidiano imigrante

A ideia de imigração está efetivamente ligada à colonização e a todas as agruras e percalços que esse processo – nem sempre por opção dos indivíduos – de adaptação necessária, de hábitos e costumes. São muitos os textos que tratam da questão da imigração, nas mais diferentes épocas e países, por motivos os mais diversos. As linhas, a seguir, abordarão, principalmente, a imigração europeia para algumas localidades do Sudeste e Sul do continente americano, utilizando-se principalmente de depoimentos e documentação.

Essa exposição terá início com a explicitação dos passos percorridos por um grupo de saxões e alguns silésios, que mantinham essa denominação por estarem temporariamente localizados na primeira metade do século XIX, antes da ocorrência da unificação do território teutônico. Na documentação foram identificados segundo suas províncias de origem.

Portanto, os imigrantes saxões e silésios passaram a ser conhecidos nas novas terras em que vieram colonizar, genericamente, como alemães. As informações transcritas a seguir fazem parte de um volume compilado por Werner (2009), publicado originalmente nos anos 50 do século XX em língua alemã; foi composto a partir das inúmeras conversas que a autora manteve com sua avó nascida no Norte da Europa, e que por várias vezes foram por ela anotadas, para não serem esquecidas.

Esses teutônicos acompanhados de suas respectivas famílias chegaram de navio a um porto próximo a cidade de Valdivia, no Centro-Sul das terras chilenas, em novembro de 1852. Após sua chegada, passaram alguns dias sendo transportados em pequenos barcos até as proximidades da futura colônia, devendo ainda depois do desembarque caminharem alguns quilômetros. As dificuldades para seu estabelecimento nos locais estipulados pelo

governo foram imensas, a começar pelo local em que se acomodaram as famílias, até que a área fosse desmatada e preparada para a construção das casas e para uma pequena plantação dos itens necessários à subsistência.

Os lotes estavam localizados ao Sudoeste de um grande lago denominado *Llanquihue*, cercado por florestas e tendo alguns vulcões na margem oposta. Pode-se somar a esse quadro a incidência corrente de pumas que habitavam a floresta, tremores de terra esporádicos e o clima, que mesmo no verão podia-se visualizar a neve que cobria o alto das montanhas e dos vulcões.

É sensato esclarecer ao leitor que esses lotes foram comprados pelos imigrantes diretamente do governo chileno, que por sua vez havia comprado as terras dos moradores nativos. Os nativos não se interessavam pelas terras próximas ao grande lago, preferiram se estabelecer ao longo da orla marítima, local onde a pesca e a coleta de mariscos era acessível, além de distanciarem-se dos vulcões, que poderiam apresentar erupções isoladas.

Apesar de esse grupo de nativos, denominados de Huiliches, estarem mais envolvidos no mundo do capital, a ponto de negociarem com o governo a venda das terras, pode-se citar outro grupo – os Chilotas, habitantes nativos da ilha de Chiloe, localizada mais ao Sul do lago, que passaram a colaborar com os imigrantes teutônicos. Os chilotas trabalhavam para os imigrantes cortando árvores, cuidando dos animais e ajudando-os a abrirem caminhos pela mata fechada.

Mas nem todos os Huiliches concordavam com a venda das terras aos imigrantes e durante muitos anos, um pequeno grupopositor, fez o possível para que os colonos as deixassem, ainda mais com o sucesso no cultivo da terra e a expansão das localidades. Com o passar dos anos as casas foram construídas, e a pequena vila foi tomando forma. As plantações nos arredores das casas foram crescendo e os animais engordando, a alimentação passou a ser mais variada e as embarcações construídas pelos colonos – que podiam navegar pelo lago, colocava-os em comunicação com as outras colônias situadas as suas margens.

Entre as práticas de boicote desses nativos estavam os assaltos às casas, o roubo de animais, a destruição das plantações, o saque das mercadorias que chegavam pelo mar, além de ataques coletivos para intimidar os novos proprietários das terras. Segue um trecho que descreve parte de um dos ataques dos nativos Huiliches munidos com armas de fogo, contrários à decisão do cacique em vender suas terras.

[...] efetivamente, vem a galope, disparando e gritando com um ruído infernal. Seus cavalos tropeçam nos paus e raízes e caem. Para defender-se disparam até esgotar suas munições e logo correm até seus cavalos para escaparem. Os Huilliches iam se aproximando, perseguem Heinrich com um machadinho, girando ao redor de uma árvore lançam várias machadinhas sem alcançar seu objetivo. Heinrich recebeu um tiro de escopeta nas costas. Um filho de Paillahueque, o chefe dos Huilliches, disparou impunemente (WERNER, 2009, p. 231, tradução nossa)³.

Para sanar esse tipo de ato violento, foi necessária a intervenção do governo chileno, além da melhora no armamento dos imigrantes, que a princípio preocupavam-se apenas com os ataques dos pumas. Os colonos, apesar de todos os entraves, conseguiram se estabelecer e construíram várias cidades às margens do lago, com igrejas, cemitérios, escolas e hospitais. Fizeram o possível para criar uma cidade aconchegante e recriar edifícios como os das cidades em que moravam.

Esse exemplo da colonização germânica no entorno do lago *Llanquihue* demonstra como o uso das fontes orais nas pesquisas são extremamente ricos. A prática de dar voz às lembranças dos mais experientes possibilita a criação de novas análises sobre os mesmos acontecimentos e a composição da identidade do grupo em que se está estudando.

Tratando-se da imigração dos peninsulares itálicos para a América do Sul, temos dois exemplos relevantes, um deles é o caso da região do rio da Prata e o outro o do Sudeste e Sul do Brasil. É interessante verificar que o fluxo de peninsulares para a região do rio da Prata teve início nos primeiros anos do século XIX, situação diferenciada da que ocorreu no Brasil, que teve o grande fluxo de imigração a partir das três últimas décadas deste referido século. As fontes documentais utilizadas por Devoto (2008) propiciaram a reconstituição do cotidiano dos imigrantes, mais especificamente genoveses, nos idos do século XIX na bacia do rio da Prata. A pesquisa histórica desenvolvida por esse autor teve como base ofícios; requerimentos; atas de sociedades; listas de desembarques, de casamentos e de nascimentos; além de várias modalidades da correspondência oficial.

As cidades de Montevidéu, no Uruguai, e de Buenos Aires, na Argentina, atraíram um grande número de genoveses, em função do comércio

marítimo entre essas duas cidades localizadas às margens do rio da Prata. A mão de obra e o conhecimento na construção de embarcações por esse grupo de imigrantes fizeram que muitos deles fossem viver nessas cidades, em função do promissor mercado de trabalho. O que justificou, segundo Devoto (2008), as localidades litorâneas as quais escolheram para viver, como as cidades de Montevidéu, Buenos Aires, Valparaíso no Chile, Lima no Peru e Rio de Janeiro. Enquanto os genoveses especializaram-se na construção das embarcações os sardos em sua maioria, assumiram o papel de marinheiros.

Os piemonteses fixaram-se principalmente nos centros urbanos, próximo às margens do rio da Prata, nas duas maiores cidades localizadas às suas margens, a capital argentina e a capital uruguaia. O comércio e a navegação foram os modos pelos quais eles escolheram para sua sobrevivência. Na citação abaixo se pode identificar a situação do cotidiano desses piemonteses e seus familiares no bairro de La Boca, local situado na desembocadura do rio Riachuelo, pequeno afluente do rio da Prata, na cidade de Buenos Aires.

Claramente a *Boca* constituía um lugar privilegiado para as atividades marítimas de baixo entalhe já que o Riachuelo era o único refúgio natural apto para a sondagem e reparação de navios pequenos na ribeira da cidade. Sua grande desvantagem é que era uma zona baixa e alagadiça submetida a recorrentes inundações, e, além disso, tinha uma fama de insalubre por causa dos odores que emanavam do Riachuelo já que os saladeros instalados em seu curso descarregavam nele todos seus resíduos. [...] a Boca carecia de muitas das instituições que caracterizavam outros bairros da cidade: não havia nem se quer uma igreja (DEVOTO, 2008, p. 44, tradução nossa)⁴.

Nos anos finais do século XIX outros peninsulares rumaram para as terras da Argentina, eram em sua maioria vênets que elegeram o interior para viver. Esses eram os colonos que viveriam próximos das cidades do interior do país, plantariam alimentos nos seus lotes para sua subsistência e cultivariam parreiras para a produção do vinho. Esses imigrantes como os que vieram para o Brasil - na mesma época - sofreram com a adaptação, o clima e a precariedade física das instalações. Vez por outra, segundo Devoto (2008)

³ Efectivamente, vienen a galope tendido, disparando y gritando con ruido infernal. Sus caballos tropiezan en los paños y raíces y caen. Para defenderse disparan hasta agotar sus municiones y luego corren hacia sus caballos para escapar. Los Huilliches ya se han acercado, persiguen Heinrich con un hacha, girando alrededor del árbol le lanza varios machazos sin lograr su objetivo. Heinrich recibe un tiro de escopeta por la espalda. Un hijo de Paillahueque, el jefe de los Huilliches, le ha disparado a mansalva.

⁴ Claramente la *Boca* constituía un lugar privilegiado para las actividades marítimas de bajo calado ya que el Riachuelo era el único refugio natural apto para el fondeo y la reparación de navíos pequeños de la ribera de la ciudad. Su gran desventaja es que era una zona baja y anegadiza sometida a recurrentes inundaciones, y además arrastraría fama de insalubre a causa de los olores que emanaban del *Riachuelo* ya que los saladeros instalados en su curso medio descargaban en él todos sus desechos. [...] la *Boca* no sólo se encontraba aislada, sino que incluso carecía de muchas de las instituciones que caracterizaban a otros barrios de la ciudad: no había en ella ni siquiera una iglesia.

ainda tinham de defenderem-se dos assaltos feitos pelo nominado 'bandolerismo rural', e dos ataques esporádicos dos nativos. Ainda de acordo com o autor, a vida desses imigrantes contava com "[...] a ausência de quase todo tipo de instituição educativa, cultural, religiosa e social [...]" (DEVOTO, 2008, p. 117, tradução nossa)⁵.

Somente as colônias que estavam próximas aos seminários dos padres jesuítas, que já estavam fixados nas terras, tinham acesso às instituições educativas, religiosas, culturais e sociais. Nestes casos os nativos haviam se tornado uma boa vizinhança e acabavam como auxiliares no trabalho dos religiosos e dos colonos, que tinham condições financeiras para sua manutenção. Mas, uma diferença que chama a atenção nessas colônias rurais argentinas é a distância entre as sedes das colônias e as cidades, o percurso era em média de mais de 50 km, tendo como único acesso as estradas de terra.

O uso das fontes documentais proporcionou ao autor compor uma história dos peninsulares nas terras argentinas, durante o século XIX, com muitos dos obstáculos do seu cotidiano. O processo de chegada e estabelecimento dos imigrantes peninsulares no Brasil não foi muito diferente do que já relatado até este ponto. Como os núcleos coloniais foram, em sua maioria, criados próximos das cidades e em determinadas regiões do Brasil, os colonos não temeram os ataques dos autóctones, dos animais selvagens ou os tremores de terra. Até o momento os relatos pesquisados nos trouxeram apenas a presença de alguns tipos de ofídios esgueirando-se pelas casas dos imigrantes, problemas que foram facilmente contornados.

A pesquisa histórica pode fazer uso das fontes documentais as mais diversas, como saberíamos que os imigrantes vênnetos, recém-chegados na cidade de São Paulo considerariam o preço do feijão abusivo?. Uma carta escrita pelo colono Giacomo Garbelotto, datada do dia 14 de fevereiro de 1889, no então núcleo colonial de São Caetano foi enviada para seu compadre que vivia em sua cidade natal, Vittorio-Vêneto. Essa carta foi reproduzida por Franzina (1979) em um livro que reuniu as cartas enviadas à Itália pelos imigrantes vindos para a América Latina.

Nessa carta, muitos foram os assuntos tratados desde a saúde da família, a dura recepção quando da chegada a São Paulo, o encaminhamento aos lotes do núcleo colonial até o preço dos gêneros alimentícios. Garbelotto escreveu que

[...] para comer é tudo diferente, os feijões são vendidos a 140 francos a saca e todos os outros gêneros são caros, mais que o dobro, são de difícil acesso como a carne, e esteja certo que não falo mentiras (FRANZINA, 1979, p. 164, tradução nossa)⁶.

Pode-se depreender a partir da leitura desta carta e de muitas outras, os detalhes dos acontecimentos do cotidiano de quem a escreveu. Esse é mais um exemplo da riqueza de dados na utilização de fontes históricas. As memórias dos moradores de um local acabam também por compor o cenário de um período. O relato de Cenni (2003) reforça essa explicação, quando escreveu sobre os toscanos que viviam e trabalhavam no entorno do rio Tietê na cidade de São Paulo nos anos iniciais do século XX.

[...] o trabalho consistia em tirar areia das margens do Tietê, lá pelas bandas da atual Ponte Grande. Os renaioli eram quase todos toscanos, de Viareggio, e suas casinhas brancas alinhavam-se ao longo do rio. Cada um deles possuía um barco e um curioso instrumento formado por uma caixa fixada na extremidade de uma longa vara. Percorriam lentamente as margens do rio até achar um banco de areia para depois iniciarem seu trabalho de drenagem manual (CENNI, 2003, p. 280).

Com a retomada das lembranças do autor, foi possível recriar o trabalho dos remadores transplantado para um rio na cidade de São Paulo. Esse pode ser mais exemplo dos indícios que as fontes guardam. Existe também a possibilidade de se utilizarem as listas de chamadas de algumas escolas para se verificar os indícios do cotidiano das crianças. Essas fontes documentais são ainda pouco utilizadas, no início do século XX as listas traziam dados variados, além do número de presenças e faltas. Existia um local para o professor justificar os motivos das faltas dos alunos, as causas para a suspensão das aulas, entre outros acontecimentos. Portanto, a partir da leitura destas listas pôde-se saber que quando chovia muito, os trens não circulavam, porque seus trilhos ficavam encobertos pela água. Também que várias famílias mudaram-se para outras colônias no interior do Estado ou que as aulas foram suspensas por uma epidemia que assolou a colônia, deixando inclusive os professores acamados.

Esses relatos e outros estão escritos de modo mais detalhado na pesquisa realizada sobre um núcleo colonial composto por famílias vênnetas, providas da região Nordeste da Itália, criado em 1877 nos arredores da cidade de São Paulo. Nessa

⁵ [...] con la ausencia de casi todo tipo de institución educativa, cultural, religiosa y social.

⁶ [...] da mangiare e tutto differente di la guardia che i fagioli sono venuti a 140 franchi al sacco e tutti gli altri generi sono cresciuti più di un doppio fuori della carne e sta sicuro qui non dico la bugia.

pesquisa, Mimesse (2010) utilizou principalmente fontes documentais e orais, além de algumas imagens que compõem as fontes iconográficas. É relevante, neste caso, entender que a História Oral proporcionou a compreensão de detalhes, que eram desconhecidos pelos moradores mais novos. Para ilustrar essa situação tem-se o exemplo das pequenas bandeiras coloridas colocadas na igreja, que na verdade não visavam o embelezamento na decoração do pequeno templo, ou muito menos as festas do mês de junho. Essas bandeirinhas eram colocadas na verdade para que o maquinista do trem soubesse que existiam pessoas que queriam subir na composição, e assim ele deveria reduzir a velocidade, porque ainda não existia uma estação para a parada do trem. Somente depois do ano de 1883, com a inauguração da estação de trem que as bandeiras perderam seu sentido original.

Em uma colônia, constituída majoritariamente por vênets, no Estado do Paraná, existiram situações similares a essas da colônia de São Caetano. A colônia Alfredo Chaves localizava-se nos arredores da capital – Curitiba, que recebeu imigrantes da região Nordeste da Itália. Os detalhes sobre o cotidiano dos moradores somente vieram à tona após as análises das entrevistas. Esse grupo de entrevistados era em sua maioria filhos e netos dos primeiros imigrantes vênets. A partir dos depoimentos, verificou-se que apesar de toda a precariedade física de suas moradias e de seu dia a dia, a devoção ao catolicismo superava todas as intempéries. As longas distâncias entre os lotes rurais e a igreja no centro da colônia não impediam de os moradores se locomoverem a pé aos domingos pela manhã, para assistirem a missa. Apesar de não possuírem meios de transporte, eles caminhavam com toda a família pela estrada, sem sapatos. Os sapatos eram calçados na entrada da igreja, já que eram considerados objetos de luxo e também porque passavam de uns para outros e, nem sempre eram do tamanho correto dos pés de quem os usava. Esses comentários pessoais, e muitos outros, só puderam ser revisados em função da pesquisa com a história oral. Os estudos realizados por Maschio (2013) puderam desvendar essas e outras ações corriqueiras deste grupo de imigrantes.

Portanto, a reconstituição do cotidiano dos imigrantes, estejam eles em épocas ou países diferentes, pode ser elaborada de várias formas e com o uso de fontes históricas as mais inusitadas. Como o uso de cartas pessoais, do diário de anotações de uma menina com as histórias contadas pela avó, das lembranças dos moradores de uma cidade, das anotações contidas nas listas de chamada e muitas outras.

Considerações finais

A frase de Certeau (2002, p. 16) justifica o ato de pesquisar e todas as possíveis intempéries que esse ato possa acarretar, segundo o autor “[...] a História é o privilégio que é necessário recordar para não esquecer-se a si próprio”. Compactuando com essa afirmação, verificou-se que existe a possibilidade de se escrever a História partindo das mais diversas fontes documentais primárias.

A importância de trabalhar com documentos originais é relevante para o pesquisador, apesar de estarem envolvidos em um cenário social determinado. Os documentos que compõem os acervos dos arquivos e das bibliotecas, muitas vezes, por desígnios legais, retratam o que a sociedade desejava que ficasse perpetuado para as próximas gerações.

Têm-se que considerar, neste íterim, os obstáculos interpostos à pesquisa implícitos ao “funcionamento da máquina administrativa”. Bacellar (2005, p. 53) descreveu essa situação e ainda enfatizou a necessidade de outro elemento ao pesquisador dos arquivos: a paciência. Segundo suas próprias palavras “[...] a paciência é arma básica do pesquisador em arquivos”. E complementa ainda que a paciência seja imprescindível para contribuir com a descoberta dos documentos desejados, para passar semanas, meses ou anos, trabalhando na tarefa de atenta leitura.

Na análise dos documentos deve-se ir para além das aparências, levarem-se em conta todos os detalhes identificados na redação, na grafia e na sua apresentação, como a qualidade do papel e a existência de timbres ou outras marcas. Os documentos sempre representarão uma visão parcial do descrito, que foi determinada por quem os elaborou. Os acontecimentos que a documentação comporta devem ser questionados, esmiuçados e analisados para que se possam verificar quais foram alguns dos caminhos que trilharam, visando-se, portanto, efetuar uma leitura das entrelinhas. Sempre se necessita analisar com critérios os acontecimentos que formaram o objeto da investigação, independentemente de quais forem as fontes primárias utilizadas para compor uma pesquisa.

O cotidiano dos sujeitos aqui estudados pôde em parte ser recomposto a partir das fontes orais e das documentais. Verificou-se quais foram os obstáculos por eles enfrentados, expressando coragem nas ações desempenhadas nas terras colonizadas sendo elas chilenas, argentinas ou brasileiras. O mesmo pode ser inferido quando da explicação de suas participações no âmbito social, religioso ou escolar. Embora os imigrantes sempre atribuíssem grandes expectativas de melhoria da condição social, os

governos locais não contribuíram com a mudança dessa situação. As queixas dos imigrantes sempre recaíam na precariedade das instalações físicas, na necessidade de criação de uma igreja, um cemitério, uma escola, um hospital, de modo a sobreviverem com dignidade. As iniciativas nesse sentido, consecutivamente, foram dos próprios colonos na construção dos edifícios, eles mesmos conseguiram - com muito esforço e perseverança, criar localidades similares às cidades em que viviam nos países colonizados.

Referências

- ALBERTI, V. Histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- BACELLAR, C. A. P. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 23-80.
- CARRETERO, M. **Documentos de identidad**: La construcción de la memoria histórica en un mundo global. Buenos Aires: Paidós, 2007.
- CENNI, F. **Italianos no Brasil**: Andiamo in'Merica. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CERTEAU, M. **A escrita da história**. Trad. Maria Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- DEVOTO, F. J. **Historia de los Italianos en la Argentina**. 2. ed. Buenos Aires: Biblos, 2008.
- DUBY, G. **A história continua**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: J. Zahar: UFRJ, 1994.
- FRANZINA, E. **Merica! Merica!**: Emigrazione e colonizzazione nelle letteredei contadini veneti in America Latina 1876-1902. Milano: Feltrinelli, 1979.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1994.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- MASCHIO, E. C. F. A infância Contadina nas Colônias Italianas de Curitiba no Paraná. In: MIMESSE, E. (Org.). **Bambini Brasiliani**: A infância das crianças italianas e ítalo-brasileiras. Jundiá: Paco, 2013. p. 55-92.
- MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. **História oral**: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- MIMESSE, E. **A Educação e os imigrantes Italianos**: da escola de Primeiras Letras ao Grupo Escolar. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2010.
- THOMPSON, P. **A voz do passado**: História oral. Trad. Lólio Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- WERNER, M. **La nueva patria** - Colonos del Lago Llanquihue: historia y leyendas de la inmigración alemana. 5. ed. Valdivia: America, 2009.

Received on May 28, 2013.

Accepted on December 20, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.